

PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA E NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO TEÓRICO

Fabício Duim Rufato ¹
Geovane dos Santos da Rocha ²
Nandra Martins Soares ³
Elisabeth Rossetto ⁴

RESUMO

Os estudos vinculados à Psicologia Escolar e Educacional, assim como a atuação do psicólogo escolar nos processos formativos na Educação Básica e no Ensino Superior, emergem como elementos cruciais para a aprendizagem e, por conseguinte, para o desenvolvimento humano. Isso se evidencia devido à intervenção do psicólogo escolar nos desafios inerentes ao processo educativo, como por exemplo contribuir na formação do sujeito enquanto um ser social. Os processos educacionais, ao intervir nas distintas fases do ensino, desempenham um papel essencial na transformação das funções psíquicas superiores que constituem a subjetividade humana e no desenvolvimento das potencialidades individuais. Considerando isso, o presente estudo tem como propósito compreender o papel e as especificidades da Psicologia Escolar e Educacional na Educação Básica e no Ensino Superior, refletindo sobre os princípios norteadores da atuação profissional no ambiente escolar e acadêmico. Para isso, conduziu-se um ensaio teórico sobre os temas de psicologia escolar, educação básica e ensino superior, embasando-se na Psicologia Histórico-Cultural. Em vista disso, defende-se que o ambiente escolar compõe um reflexo da dinâmica social, permeado por desafios que impactam o processo educacional. Nessa relação, o psicólogo escolar possui relevância para a superação de barreiras, fomentando práticas pedagógicas inclusivas. O papel desse profissional consiste em adotar uma abordagem coletiva, incentivando a apreciação da diversidade, além de engajar-se politicamente na busca por transformações sociais através da luta e dedicação. Compreendeu-se que tanto no Ensino Superior quanto na Educação Básica – com algumas diferenças em razão do objetivo de cada etapa de ensino –, o papel do psicólogo escolar é o de mediar e auxiliar com a efetivação do ato educativo, reconhecendo o papel fundamental das instituições educacionais no processo de humanização.

Palavras-chave: Psicólogo Escolar, Fracasso Escolar, Psicologia Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

Os estudos no campo da Psicologia Escolar e Educacional, bem como a atuação do psicólogo nos processos formativos na educação básica e superior, revelam-se como importantes elementos para o ensino e aprendizagem. Em decorrência, também

¹ Doutor em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, fdrufato@gmail.com;

² Doutorando em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, geovanesdarocha@outlook.com;

³ Doutoranda em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, nandrasoares@yahoo.com.br;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, erossetto2013@gmail.com.

influenciam o desenvolvimento humano, pois atuam sob os obstáculos presentes no meio educativo, na busca da humanização e da transformação social do homem. Neste aspecto, compreende-se que os processos educativos, nas diferentes etapas do ensino, corroboram com o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, as quais constituem a subjetividade humana e as potencialidades de cada sujeito.

Considerando esse cenário, o presente estudo tem como objetivo compreender o papel e as especificidades da Psicologia Escolar e Educacional na Educação Básica e no Ensino Superior, refletindo sobre os princípios norteadores da atuação profissional no ambiente escolar e acadêmico. A abordagem teórica adotada baseia-se na Psicologia Histórico-Cultural, ressaltando a importância das relações sociais, das mediações pedagógicas e da historicidade para a constituição do sujeito. Como metodologia norteadora, conduziu-se um ensaio teórico sobre os temas de psicologia escolar, educação básica e ensino superior.

Assim, ao longo deste trabalho são explorados aspectos importantes à atuação do psicólogo escolar, especialmente diante das transformações nas abordagens tradicionais e das críticas às práticas clínicas e psicopatologizantes; e do entendimento do fracasso escolar como um fenômeno multifacetado, influenciado por determinantes sociais e histórico-culturais em contraposição a interpretações individualistas. A análise se estende ao cenário contemporâneo, marcado pela patologização das dificuldades de aprendizagem e pela crescente medicalização no ambiente escolar. Também discute-se a necessidade de uma abordagem coletiva na atuação do psicólogo escolar, enfatizando a importância de práticas pedagógicas inclusivas, da valorização da diversidade e do papel político na busca por transformações sociais.

METODOLOGIA

O presente estudo qualifica-se como um ensaio teórico, em que valeu-se de textos de Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934), e de outros importantes autores ligados a esta corrente de pensamento, que tratam de temas ligados ao objetivo deste estudo.

DISCUSSÃO

As instituições escolares do ensino básico ao ensino superior, ao desenvolverem práticas que medeiam a aquisição dos conhecimentos historicamente construídos,

proporcionam condições para que os sujeitos na educação desenvolvam suas potencialidades caracteristicamente humanas. Nesse aspecto, o papel principal da escola é o de humanizar o homem ao possibilitar contato com o conhecimento, através das mediações pedagógicas, o que desenvolve as funções psíquicas superiores (FPS).

Em relação a isso, Leontiev (1978) diz que, para a apropriação do desenvolvimento histórico das aptidões humanas, faz-se necessário contato com os fenômenos do meio social por intermédio de outros semelhantes. Ou seja, as aptidões humanas não são dadas e internalizadas a partir de fenômenos objetivos, mas construídas ao longo da vida por meio das inter-relações com outros seres humanos. O processo da educação está na mediação do outro. O autor destaca que a educação possui diferentes níveis de ocorrer, como, por exemplo, a aprendizagem que se inicia antes mesmo da escolarização, por meio de atos simples de imitação dos adultos que o mediam. Posteriormente, há especialização no nível de conhecimento e constituição de formas mais complexas de ensino e processos educativos, como a educação escolar.

Para Vigotski (2005), a aprendizagem não é por si só equivalente ao desenvolvimento, ou seja, é necessário que se organize a aprendizagem à criança de forma que ela conduza ao seu desenvolvimento. O desenvolvimento ocorre por meio da aprendizagem, sendo necessário para que as características humanas não naturais se constituam - as funções psíquicas superiores, como por exemplo, o raciocínio lógico, a criatividade, a arte, a escrita, etc.

De acordo com Meira (2000), a evolução das FPS está interligada por meio do trabalho educativo em que possibilita ao aluno entrar em contato com os conhecimentos que foram historicamente desenvolvidos e acumulados pela humanidade, sendo eles, os elementos responsáveis por constituir o indivíduo e seus processos psicológicos. Portanto, a educação exerce papel primordial na construção da subjetividade humana e em seu desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento, as quais se complexificam a partir do ensino superior.

A teoria histórico-cultural, ao tratar a relação educador – conhecimento – educando, aponta a mediação como um dos pilares de sua proposição e que o educador, a partir das práticas no processo de desenvolvimento do sujeito, possibilita-lhe o avanço na aquisição de saberes cientificamente elaborados, sistematizados e produzidos historicamente (Valentini, 2014/2016).

Muitas foram as contribuições da Psicologia Histórico-cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica e de autores da educação que utilizam do aporte teórico de Vigotski e

do método materialismo histórico-dialético para a psicologia educacional e a prática do psicólogo escolar (Saviani, 2003).

Vigotski traz uma nova epistemologia para os estudos dos processos educativos. Para o autor, o sujeito é constituído socialmente, isto é, todas as suas funções psicológicas possuem origem social. Suas interações com o meio são construídas a partir de sua inserção em um universo histórico-cultural. Nesse sentido, tudo que se relaciona com o sujeito é responsável por sua formação subjetiva, como, por exemplo, a família, a escola, a comunidade e seus elementos constituintes – pais, irmãos, professores, amigos, etc. Esse conceito de constituição social da mente é explicitado por Vigotski no seguinte trecho:

Um processo interpessoal (entre pessoas) é transformado num processo intrapessoal (no interior da pessoa). Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos (Vigotski, 1988, p. 94).

Portanto, um dos objetivos da educação é promover o desenvolvimento do sujeito. A escola é responsável pelo desenvolvimento em torno de conceitos sistematizados do ponto de vista científico, filosófico e artístico. Por vezes, o conhecimento cotidiano ou espontâneo aparece, mas, ao menos em teoria, ele deveria apenas ser um ponto de partida, para que se coadunasse esse conhecimento mais espontâneo a fim de sistematizá-lo do ponto de vista sintético e científico. Como aponta Saviani (2003), o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e indiretamente, em cada pessoa, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito à identificação e à apropriação dos elementos culturais para que o indivíduo se torne humano e, concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Nesse sentido, a ciência psicológica ao se inserir no âmbito da Educação objetiva potencializar o encontro do sujeito humano e a educação, o que, conseqüentemente, gera o desenvolvimento das potências humanas. A compreensão dos processos psicológicos, dos processos pedagógicos e suas correlações exercem um importante papel na constituição da subjetividade e personalidade, e esta, por sua vez, na construção do processo educacional. O psicólogo escolar, de tal forma, deve ter clara a função da escola:

um espaço de (re)apropriação do saber e, conseqüentemente, reflexão sobre a finalidade de suas práticas.

A partir das críticas à Psicologia tradicional que vinha atuando com práticas amparadas no modelo clínico-terapêutico e que além de naturalizar, trazia conceitos psicopatologizantes acerca da queixa escolar e de seu fracasso, houve um aprofundamento nas discussões no âmbito da Psicologia Escolar e Educacional, permitindo a elaboração de elementos constitutivos de uma atuação/formação em Psicologia Escolar em uma concepção crítica (Antunes, 2008).

Podemos dizer, nesse ponto, que o fracasso escolar desponta aqui, talvez, como o maior exemplo da falha no encontro entre o sujeito humano e a educação. Tal fenômeno não deve ser relacionado, como na maioria das vezes ocorre, ocasiões com incapacidades ou com ausência de motivação do estudante para com o processo educacional causados pelo próprio sujeito, mas deve também ser analisado, de acordo com as relações sociais e com os determinantes histórico-culturais.

Em todo o processo educativo, do ensino básico ao ensino superior, o discurso da Psicologia não deve se posicionar de acordo com os interesses e compromissos ideológicos em vigor na sociedade, em que segrega a coletividade, individualiza e naturaliza aspectos que devem ser analisados socialmente, como, a título de exemplo, classificar o normal e anormal. Ao contrário, a Psicologia deve se pautar sob uma perspectiva que possibilite o desenvolvimento e o uso de habilidades/capacidades do homem transformar sua realidade e, nesse processo, transformar a si mesmo.

Patto (1999) caracteriza o termo fracasso escolar como um rendimento acadêmico mais baixo, com maus resultados de aprendizagem, podendo este desempenho ser fruto do método de ensino, do corpo docente, dos fatores socioeconômicos, entre outros fatores múltiplos. As conseqüências desse fenômeno levam à indisciplina, aos problemas comportamentais, à desatenção, à evasão escolar e à falta de motivação com o processo educacional. A Psicologia Escolar e Educacional, em seu processo histórico, favoreceu para discursos em que responsabilizava o sujeito, no caso, o aluno pelo seu baixo rendimento, desconsiderando, ou deixando em segundo plano, aspectos como as desigualdades sociais e o âmbito familiar, excluindo possíveis participações da própria instituição de ensino a essas questões (Carvalho, 1997).

O fracasso escolar deve ser encarado em suas múltiplas determinações, considerando o papel fundamental da escola, dos processos educativos e da sociedade em geral, considerado como um problema social e politicamente produzido.

Leontiev (1978) expõe, nesse sentido, que os diferentes níveis de desenvolvimento intelectual são produzidos por relações fragmentadas, em que a produção humana não é disponibilizada para todas as pessoas. Isso gera níveis de desenvolvimento diferentes e que não são oriundos de uma ordem biológica natural, mas de desigualdades econômicas e de classes. Além de que, fica sob a classe dominante a concentração das riquezas materiais e intelectuais produzidas social e culturalmente, fazendo com que o acesso às faculdades humanas seja divergente aos sujeitos, isto é, alguns acabam por ter um mínimo de contato com o desenvolvimento cultural necessário para o desenvolvimento das FPS.

Sob essa perspectiva discutida até aqui, atualmente, a educação, em especial, a Psicologia Escolar e Educacional vem enfrentando fenômenos relacionados à queixa e ao fracasso escolar, em seus diferentes níveis de educação – do ensino básico ao ensino superior. Podemos dizer que há uma patologização das dificuldades de aprendizagem, ou seja, se mantém um discurso individualista que responsabiliza o estudante pelo seu fracasso e, ao mesmo tempo, com os avanços da indústria farmacêutica, tem se tornado comum, a medicalização para situações cotidianas da escola. A título de exemplo, o estudo de Franco, Mendonça e Tuleski (2020) realizado com 27.721 crianças da rede pública de ensino infantil e fundamental do Estado do Paraná, traz um aumento exponencial do uso de estimulantes e medicações antipsicóticas de receituário controlado para crianças com possíveis diagnósticos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Opositor Desafiador (TOD), Transtorno do Espectro Autista (TEA), psicose infantil, etc. Esses dados, se estendem para o ensino superior, em que, segundo Giajacomio (2020), em uma pesquisa sobre saúde mental e uso de medicamentos em acadêmicos, de toda amostra, 32,1% dos universitários relataram o uso de pelo menos um medicamento de uso crônico, sendo 44,6% de medicamentos que atuam no sistema nervoso central.

Compreendemos que essas situações vivenciadas no âmbito escolar devem ser analisadas criticamente, isto é, romper com o modelo clínico-terapêutico de intervenção e considerar a realidade concreta do ambiente educacional. Deve ser analisado o papel e a função social da escola e da universidade frente aos problemas demandados culturalmente pelo modelo socioeconômico vigente. Além de discutir as práticas, coletivamente, dos processos educativos para a transformação social.

As instituições de ensino refletem a dinâmica social em que vivemos e, com isso, trazem para o processo educativo obstáculos que interpõem entre os sujeitos e o conhecimento. O psicólogo escolar pode ajudar a instituição de ensino a remover esses

obstáculos, pensando na coletividade, em práticas pedagógicas que possibilitem a formação de conceitos e um conhecimento mais crítico da realidade conforme os níveis de escolarização (Tanamachi; Meira, 2003).

Cabe ao psicólogo compreender o processo de desenvolvimento e aprendizagem que os alunos possuem para compreender o processo de desenvolvimento e aprendizagem relacionados às condições que os alunos têm para a apropriação do conhecimento (Moura; Facci, 2016).

Na educação básica, isso significa refletir as contradições nas explicações psicopatologizantes e buscar meios de desenvolver as potencialidades dos alunos, provocando mudanças na prática docente e nos processos de ensino-aprendizagem, bem como valorizar a diversidade, as diferenças e as inúmeras maneiras de se fazer o processo educacional. No ensino superior, concomitantemente, atuar através de uma perspectiva coletiva e crítica, almejar a apropriação do conhecimento, vagas suficientes para todos e formação de qualidade. Ainda, o trabalho do psicólogo pode ocorrer com a atuação política, por meio da luta, do desejo, da denúncia e do empenho por uma transformação da sociedade junto aos alunos e professores (Moura; Facci, 2016).

Nesse processo, o psicólogo deve buscar uma escola/universidade coletiva. Isso significa que as ações, os projetos, as expressões sociais e culturais, a tomada de consciência e os processos de ensino e aprendizagem aconteçam não só de forma individual, mas, principalmente, de forma coletiva. É preciso olhar para a atuação do psicólogo escolar que tome por base a queixa escolar centrada no estudante ou em suas famílias. Não individualizar a resolução das demandas, mas proporcionar um espaço em que seja possível a ampliação da consciência de todos sobre sua responsabilidade nos processos de ensino e de aprendizagem (Andrada et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, buscou-se explorar a relevância da Psicologia Escolar e Educacional nos processos educativos, destacando sua atuação como elemento proporcionador para a aprendizagem e desenvolvimento humano. Ressaltamos a importância das relações sociais, mediações pedagógicas e historicidade na constituição do sujeito, reconhecendo o papel fundamental das instituições educacionais no processo de humanização do indivíduo.

Analizou-se uma reflexão aprofundada sobre o fracasso escolar, desvinculando-o de interpretações individualistas e psicopatologizantes e destacando suas múltiplas

determinações sociais e culturais. Deste modo, a compreensão do ambiente escolar como reflexo da dinâmica social, permeado por obstáculos que interferem no processo educativo, destaca-se a importância do psicólogo escolar na remoção dessas barreiras, promovendo práticas pedagógicas inclusivas. Logo, o papel deste profissional consiste em considerar uma abordagem coletiva, em que promova a valorização da diversidade e das relações interpessoais, bem como, a atuação política do psicólogo, por meio da luta e empenho por transformações sociais.

Assim sendo, a atuação do psicólogo escolar, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, quando pautada em uma abordagem coletiva e crítica, torna-se fundamental para a promoção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e contribuam para a formação integral do indivíduo em todos os níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, P. C. DE.; DUGNANI, L. A. C.; PETRONI, A. P.; SOUZA, V. L. T. de. Atuação de Psicólogas(os) na Escola: Enfrentando Desafios na Proposição de Práticas Críticas. **Psicologia: Ciência E Profissão**, v.39, e1877342, 2019.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicologia Escolar Educacional**. Campinas, v. 12, n. 2, p. 469- 475, dez. 2008.

FRANCO, A. de F.; MENDONÇA, F. W.; TULESKI, S. C. Medicalização da infância: avanço ou retrocesso. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 31, n. esp.1, p. 38–59, 2020.

Gianjacomio, T. R. F. (2020). **Caracterização do consumo de medicamentos psicofármacos por estudantes de uma universidade pública**. Dissertação de Mestrado em Ciências Farmacêuticas, Universidade Estadual de Londrina.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MEIRA, M. E. M. Psicologia Escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. In: TANAMACHI, E.; SOUZA, M. P. R.; ROCHA, M. E. M. (Org.). **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MOURA, F. R. DE.; FACCI, M. G. D. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior: configurações, desafios e proposições sobre o fracasso escolar. **Psicologia Escolar E Educacional**, v.20, n.3, 503–514, 2016.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

Saviani, D. (2003). **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações** (8a. ed.). Campinas, SP: Autores Associados.

TANAMACHI, E.; SOUZA, M. P. R.; ROCHA, M. E. M. (Org.). **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV, A. N. et al. **Psicologia e pedagogia: as bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**, 3. ed. São Paulo: Editora Centauro, 2005. p.01-17.

Vygotsky, L. S. Internalización de las funciones psicológicas superiores: papel del juego en el desarrollo del niño. In: Vygotsky, L. S. **El desarrollo de los procesos psicológicos superiores**. México: Crítica, 1988. p. 87-94.